

NAS MARGENS DO RIO PARAÍBA DO NORTE

Lígia Maria Tavares da Silva
(Profa. Ms. do Dpto. De Geociências da UFPB)

RESUMO: O Rio Paraíba do Norte é o mais importante do estado, nascendo em uma das regiões mais secas e desaguardo numa região de grande umidade: a Zona da Mata. Conhecer o rio Paraíba é conhecer a história do estado. A sua ocupação deu-se inicialmente na região da várzea, próxima ao litoral, ainda no século XVI, sendo o restante de suas margens ocupadas nos séculos seguintes. Este ensaio é um relato feito a partir do trabalho de campo em suas margens da nascente à foz, destacando os principais elementos da geografia, da história e da cultura e ao mesmo tempo uma denúncia ao abandono em que se encontra o patrimônio histórico e artístico remanescente em suas margens e que varia do século XVI ao XIX.

I - INTRODUÇÃO:

O rio Paraíba do Norte é o mais importante rio da Paraíba. Com aproximadamente 300 km de extensão, nasce na Serra Jabitacá, no Município de Monteiro, com o nome de rio do Meio, sendo sua mais alta vertente originária do Pico da Bolandeira, a 1.079 metros de altitude.

A bacia do rio Paraíba corresponde a 18.000km² e representa 32% da área territorial do estado, que tem mais de 60% de suas fronteiras constituídas de divisores de águas, sendo que o contorno sul quase reproduz em escala maior a bacia do rio Paraíba, que deu o nome ao estado. O rio nasce numa das regiões mais secas, o Cariri, e deságua numa região de grande riqueza, a região canavieira, na planície litorânea. A maior parte de seu percurso se dá no alto da Serra da Borborema. De lá, desce passando pelo Agreste, atingindo o litoral.

Conhecer o rio Paraíba é conhecer a história do estado. A sua ocupação deu-se inicialmente na região da várzea, próxima ao litoral, ainda no século XVI, sendo o restante de suas margens ocupadas nos séculos seguintes. O significado mais aceito de “Paraíba”, de origem Tupi, é rio mau, numa referência à dificuldade natural que o rio apresentava no início da colonização por ocasião das cheias.

II - ALÉM DAS MARGENS: AS CHEIAS

As cheias do rio Paraíba são características do seu regime irregular, condicionado pelo clima semi-árido e pelo leito impermeável de seus alto e médio

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

cursos. Este rio singular, ora está completamente seco, ora cheio em toda a extensão. Das chuvas irregulares que caem violentamente em determinadas épocas do ano, resultam as súbitas enchentes, cujas correntes avançam em forma de cabeças d'água barrentas, levando de roldão tudo o que encontram pela frente, inchando seu volume e causando enormes prejuízos. A primeira cheia que se tem notícia ocorreu em 1641, estragando as culturas da várzea. Outras foram as de 1698 e a de 1731. A de 1780, trouxe uma Cruz ao Engenho Espírito Santo, gerando o nome da vila ali existente. A de 1924, arrasou as cidades do Agreste, a exemplo de Itabaiana e Pilar. A construção do açude Boqueirão, no médio curso do rio, espaçou mais as enchentes que ainda hoje ocorrem apenas no baixo curso, alimentado pelos afluentes, a exemplo da cheia de 1985, que arrasou a cidade de Cruz do Espírito Santo e a mais recente de 2004.

III - A OCUPAÇÃO DAS MARGENS

A ocupação ao longo do rio Paraíba foi iniciada ainda no século XVI, com a instalação de engenhos em sua várzea. Até a chegada dos holandeses em 1654, havia dezoito engenhos e a ocupação prolongava-se até o engenho Tapuá, em Salgado de São Félix. A partir de então, existiam apenas alguns currais para juntar o gado fugido dos engenhos. Com a saída dos holandeses, inicia-se o processo de ocupação e povoamento do interior através do estabelecimento das fazendas de gado, que eram a prioridade para a concessão de terras, por parte da coroa. Por isso, a pecuária desbrava os sertões, ocupando inicialmente as terras mais apropriadas para essa atividade. Pilar foi a missão da nação Cariri mais próxima da capital, fundada em 1670. De lá, missionários jesuítas subiram pelas margens do rio Ingá, afluente do Paraíba, e fundaram, em uma colina, a segunda aldeia dos Cariris, atual Campina Grande, em 1697.

3.1. Margens Nuas: As nascentes e o Alto Curso do Rio Paraíba

O alto curso do rio Paraíba localiza-se na região das precipitações mais escassas do país e suas margens encontram-se desmatadas para a atividade agrícola. Compreende os municípios de Monteiro, Camalaú, Congo, São João do Cariri, Cabaceiras e Boqueirão sendo Monteiro a principal cidade da região dos Cariris Velhos. Destacam-se os seguintes lugares e cidades ao longo do rio: **Serra Jabitacá** - Local onde nasce o rio Paraíba, no Município de Monteiro; **Pico da Bolandeira** - Com 1079 metros de altitude, situado na Serra Jabitacá, de onde desce a vertente mais alta do rio Paraíba; **Monteiro** - Principal cidade da região dos Cariris Velhos e que se destaca no cenário paraibano como centro cultural, sobretudo musical; **Boqueirão** - O núcleo mais antigo do

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

povoamento do interior da Paraíba foi a fazenda Boqueirão, também chamada Carnoió, estabelecida em 1670 pelo baiano Antônio de Oliveira Ledo, que viera com seus irmãos ou sobrinhos da margem do rio São Francisco, na Bahia, através do rio Pajeú, passando à Paraíba pelo rio Sucurú e atingindo o Boqueirão. Os vestígios da primitiva localidade estão submersos pelo açude; **Açude Epitácio Pessoa** - Mais conhecido por açude Boqueirão, é o maior açude do Cariri paraibano e do rio Paraíba. Foi construído em 1956, para abastecer a cidade de Campina Grande e promover a agricultura irrigada às suas margens. **Pico do Caturité** - Com altitude de 806 metros e situado próximo à cidade de Boqueirão, na serra do Caturité, possibilita uma visão panorâmica de toda a região; **Cabaceiras** - Cidade histórica situada no município mais seco do Estado, não faltando, porém, os ventos alísios que refrescam as noites. Próximo à cidade está o rio Taperoá, importante afluente do rio Paraíba, que, juntos, alimentam o açude de Boqueirão. De Cabaceiras partiu o desbravamento do Sertão. Em meados do século XVII chegaram os primeiros colonos, tendo à frente o baiano Antonio de Oliveira Ledo, com seus rebanhos. Os Quebra-quilos, em 1874, queimaram-lhe os arquivos, destruindo, assim, parte da memória da colonização do interior da Paraíba. Em alguns lugares, a cidade ainda conserva características coloniais bem preservadas.

3.2. Margens de Pedras: O Médio Curso do rio Paraíba

Esse é um trecho bastante interessante do rio Paraíba, pois parte dele corre num vale estreito entre serras graníticas, ou seja, numa garganta, ou *canyon*, constituindo uma paisagem ímpar e de rara beleza. Compreende os municípios de Barra de Santana, Gado Bravo, Umbuzeiro, Aroeiras, Natuba, Salgado de São Félix, Mogeiro e Itabaiana. Destacam-se os seguintes lugares e cidades ao longo do rio: **Curimatã** - Localidade onde foi iniciada a construção de uma barragem pelo Exército em 1956 não terminada. As ruínas da cidade e da barragem ainda estão presentes; **Pedra do Altar** - Bloco granítico contendo inscrições rupestres, situado a dois quilômetros rio abaixo, a partir de Curimatã; **Umbuzeiro** -. Um umbuzeiro deu nome ao local, circunstância que atraiu os primeiros moradores, que lucravam com a hospedagem a viajantes e tropeiros. Agricultores abastados mudaram-se para o local a partir de 1850, entre eles a família Pessoa, cujos descendentes mais ilustres, nascidos no local, são Epitácio Pessoa e João Pessoa; **Fazenda Alto Pinheiros** - Situada em Guarita, município de Itabaiana, a casa grande, construção do final do século XIX, é um verdadeiro museu, pelo que representa em termos arquitetônicos e por encontrar-se preservada em seu interior, com mobiliário

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

de época representativo dos costumes e da vida cotidiana do agreste pecuarista; **Itabaiana** - Importante centro regional do Agreste, Itabaiana tem sua história relacionada à famosa feira de gado do início do século.

3.3. Margens Esquecidas: O Baixo Curso do Rio Paraíba

O baixo curso do rio Paraíba é uma região histórica e cultural que tem seu início em Pilar, descendo até a foz do rio, em Cabedelo, numa extensão de aproximadamente 80 quilômetros. Nesta região, a várzea vem sendo ocupada por engenhos de cana-de-açúcar desde o século XVI. Compreende os municípios de Cabedelo, Bayeux, Santa Rita, Cruz do Espírito Santo, São Miguel de Taipú e Pilar.

O engenho era responsável pela sustentação econômica e militar da colônia, levando a civilização para as regiões do Litoral e do Agreste, fundando povoados, vilas e cidades às margens do rio Paraíba. No engenho, a sociedade era composta pela família proprietária de um lado, e pelos trabalhadores e escravos de outro, gerando uma rígida estratificação social, cuja característica era a enorme desigualdade social.

No município de Santa Rita, açucareiro por excelência, foi instalado o primeiro engenho da então Capitania, o Engenho Real Tibiri, em 1586. Posteriormente vários engenhos se espalharam pela grande, rica e fértil várzea do rio Paraíba, toda retalhada de rios caudais de água doce, cenário perfeito para a atividade canavieira, cuja forma de organização espacial consistia no estabelecimento do engenho de cana-de-açúcar, da casa grande, capela e senzala. Algumas dessas construções antigas podem ainda ser vistas na paisagem da várzea do rio Paraíba, representando um patrimônio cujas idades variam do século XVI ao XIX. São elas: **Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, na Praia do Almagre** - Almagre significa barro ou areia vermelha. Construção do início do século XVII. Totalmente em ruínas, pertencia aos Jesuítas que fundaram no local uma colônia de catequese indígena. Localizada na praia do Poço, no município de Cabedelo; **Engenho das Graças** - Situado na Ilha do Bispo e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Construção do século XVIII e que atualmente resta apenas a capela, em estado de abandono. Do engenho e casa grande ficaram algumas paredes laterais; **Torre de Atalaia** - Foi construída inicialmente para a preservação do nosso litoral assediado por piratas franceses, interessados na extração do pau-brasil, com a ajuda dos índios Potiguara. Situada em Forte Velho, Município de Santa Rita; **Capela da Batalha** - Em 14 de Outubro de 1636, Rabelinho, líder na resistência contra os holandeses, matou o então governador holandês no engenho

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

Espírito Santo, quando este último assistia a uma farinhada. Perseguido, enfrentou uma batalha no local onde hoje está situada a referida Capela; **Capela do Socorro** - Depois que Rabelinho e sua tropa mataram o governador holandês e travaram uma batalha, obtiveram socorro da população no local onde posteriormente foi erguida a Capela do Socorro numa homenagem à resistência popular e posterior saída dos holandeses da província. Situada em Cruz do Espírito Santo, às margens do rio Paraíba, é uma construção do século XVII. Constitui-se, juntamente com a capela da Batalha, uma referência histórica do sentimento patriótico dos colonizadores paraibanos na resistência contra os holandeses na Paraíba; **Capela de Santana do Gargaú** - Situada no antigo engenho Gargaú, em Santa Rita, pertencia ao fundador da capitania, Duarte Gomes da Silveira, o que lhe confere valor histórico maior que o artístico; **Capela do antigo Engenho São João** - Construção possivelmente do século XVIII inteiramente em ruínas e, portanto, sem definição de estilo. Atualmente os destroços misturam-se com o mato e somente as paredes laterais estão de pé. Situada em Santa Rita; **Capela de São Filipe** - Pertencia ao engenho São Tiago Maior, um dos mais antigos da Paraíba, movido a bois. Posteriormente incorporou o patrimônio da Usina São João. Essa construção do século XVIII, em estilo colonial (barroco rural), está desabando; **Engenho Maraú** - Construído a partir de 1714 por Frei de Santa Clara, pertencia aos frades beneditinos. Sua Capela é de 1724 e concluída em 1752. Localizado em Cruz do Espírito Santo; **Capela de Sant'Ana** - Situada no Engenho do mesmo nome, à margem direita do rio Paraíba em Cruz do Espírito Santo. Construção do século XVIII, com um belíssimo frontispício em estilo barroco. Atualmente é patrimônio do INCRA; **Ruínas do Engenho Reis** - Um dos mais antigos da várzea, suas ruínas do século XVI são ainda testemunhos desse tempo, caracterizando, assim, um valioso patrimônio representativo dessa época, e que atualmente se encontra abandonado sob a vegetação, no sopé de uma colina da várzea, prestes a desaparecer. Acima dele está o açude Reis; **Engenho e Capela Patrocínio** - O destaque é a capela de São Gonçalo, única na Paraíba em forma hexagonal. Construída no século XVII em estilo barroco, sofreu interferência em 1913. Sua rara beleza arquitetônica a torna o mais exótico monumento esquecido da várzea do rio Paraíba. O estado de conservação, por sua vez, é péssimo, necessitando urgentemente de restauração; **Capela do Engenho Tapuá** - Este era o engenho mais avançado da várzea, antes da chegada dos holandeses e, portanto, limite da região canavieira. Seis léguas após esse engenho, ficava o último curral, que delimitava o

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

espaço conhecido até a chegada dos holandeses em 1634 e que corresponde a Salgado de São Félix. O engenho encontra-se abandonado e ruindo e a casa grande, em bom estado de conservação; **Engenho Corredor** - Situado às margens do rio Paraíba, sua importância está relacionada ao escritor José Lins do Rêgo, que ali morou e se inspirou para escrever suas obras literárias, referência cultural da civilização dos engenhos, antes do advento das usinas. O engenho está abandonado, assim como a casa grande; **Casa da Câmara de Pilar** - Construção do século passado, restaurada, onde atualmente funciona a Biblioteca Pública. Neste prédio, o Imperador Pedro II alojou-se, quando visitou a cidade.

Na margem direita do rio Paraíba, em Cabedelo, próximo à foz, encontra-se a **Fortaleza de Santa Catarina**, construção iniciada no século XVI, para conquistar a região, fundar a Capitania da Paraíba e impedir as invasões estrangeiras. Após vários anos de restauração, o forte atualmente é mantido pela Fundação Fortaleza de Santa Catarina, e constitui-se num dos mais importantes patrimônios artístico e cultural do Estado da Paraíba.

Na margem esquerda do rio Paraíba, em terreno colinoso ao norte, no município de Lucena, foi edificado a partir do século XVI o **Santuário da Guia**, para catequese indígena pelos Carmelitas. Atualmente é um elegante conjunto barroco com elementos arcaicos dos séculos XVI e XVII, restaurado, e com estrada pavimentada.

Como vimos, percorrer o rio Paraíba é adentrar na história, na cultura e na geografia do Estado. Em muitos momentos, no entanto, depara-se com um misto de alegria e sofrimento. Alegria por estar diante de paisagens tão representativas da Paraíba e sofrimento pelo estado de abandono das margens, cidades e das muitas construções antigas, algumas prestes a desaparecer definitivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maurílio Augusto. Presença de D. Pedro II na Paraíba. João Pessoa, 1982.
- ANDRADE, Gilberto Osório. O rio Paraíba do Norte. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, Conselho Estadual de Cultura, 1997.
- BARBOSA, Cônego Florentino. Monumentos históricos e artísticos da Paraíba. João Pessoa: A União, Conselho Estadual de Cultura, 1994
- HERCKMAN, Elias. Descrição geral da capitania da Paraíba- 1639 (Publicada na Crônica do Instituto de Utrecht). João Pessoa: A União, 1982.

Cadernos do Logepa	João Pessoa	Vol. 2, n.	Jul-Dez-2003	p. 74-80
--------------------	-------------	------------	--------------	----------

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. Nordeste, Açúcar e poder: um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba (1920 - 1962). João Pessoa: CNPq/UFPb, 1990.

MACHADO, Maximiano Lopes. História da província da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1977. V. I (Documentos Paraibanos, 2)

MEDEIROS, Coriolano de. Dicionário Corográfico do estado da Paraíba. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

JOFFILY, Irineo. Notas sobre a Parahyba. (Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro em 1892). Brasília: Thesaurus Editora, 1982.

RIBEIRO, Darci. O povo brasileiro. A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

OLIVEIRA SOBRINHO, Reinaldo de. Terras de Massape. João Pessoa: UFPb, 1962.